

## **O ALMANAQUE DO RECIFE: UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DOS TEXTOS E DA LEITURA**

Sivaldo Correia da Silva (UFPE)  
sivaldocorreia@gmail.com

### **Introdução**

Neste artigo, apresentaremos o almanaque ressaltando o seu papel como um dos principais instrumentos promotores do acesso e difusão de conhecimento nas classes populares e a sua importância para a história da leitura e dos livros. No Brasil, no fim do século XIX e início do XX, o almanaque foi um dos principais tipos de publicação que veio servir para cativar e incentivar a formação de públicos leitores no país. Com uma grande variedade de assuntos e gêneros presentes em suas páginas, os almanaques mostram-se atraentes aos diversos públicos e estabelecem uma relação de intimidade entre o leitor e a obra. Faremos uma breve retomada às origens do gênero almanaque, e em seguida, destacaremos os três tipos de almanaque que mais se popularizaram no Brasil, durante o século XX. Observaremos em que medida, estes tipos se aproximavam e se diferenciam em termos da presença de gêneros fixos (calendários, horóscopos) e de gêneros opcionais (artigos, poemas, curiosidades, biografias, charadas), quais os públicos leitores destes livros e quais as funções sociais desenvolvidas pelos almanaques. Em especial, analisaremos o *Almanaque do Recife*, como um dos últimos almanaques do tipo lítero-charadístico.

### **1. O papel da escrita e o contexto de surgimento dos primeiros almanaques**

A memória oral coletiva sempre necessitou de recorrer a uma repetição palavra por palavra e a fixação dos textos e das tradições ficava sempre comprometida ao sofrer as alterações na transmissão de locutor para locutor e em sua passagem de geração a geração. Com o advento da escrita, esse processo operou uma verdadeira revolução no modo de organização e preservação da memória, não mais dependente do oral, o qual apresenta todas as fragilidades e flutuações próprias dessa modalidade. Segundo Le Goff (1992), na Idade Média, a memória coletiva foi preservada graças a listas e glossários utilizados por monges copistas. A escrita possibilitará novas formas de poder, que:

...diz respeito ao vértice do sistema, engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória de modo completo, nem em cadeias de gesto, nem em produtos (Leroi-Gourhan apud LE GOFF, 1992, p. 433)

É no contexto passagem do oral para o escrito, que surgem os almanaques dentre os primeiros impressos no ocidente em fins do século XV. Eles vão ganhar popularidade na França, dentro da tradição de literatura de *colportage*, livros simples, de linguagem simplicidade, conteúdo variado e pouca qualidade de impressão, comercializado em cestos por ambulantes, os *colporteur*, que eram bufões e bobos que habitavam as praças públicas. O primeiro almanaque, de acordo com Le Goff (1992), surgiu em 1455. Sendo que nos séculos XVII e XVIII eles alcançaram grande importância literária. A distribuição dos almanaques na Espanha era feita pelos *pliegos* de cordel e na Inglaterra através do *chapbooks*. Os almanaques tiveram como temática inicial, a preocupação com as previsões astrológicas, prognósticos de cataclismas, guerras, epidemias, de fornecer informações úteis ao homem do campo, fases da lua, calendário e festas religiosas. Segundo Park (1999, p. 44), a escrita teve um papel importante ao “possibilitar ao homem não só ordenar o mundo, mas recuperar,

reproduzir o tempo dessa ordenação através do almanaque”. Temos o almanaque como uma forma de o homem se relacionar com o tempo e o trabalho. As épocas de sementeira e colheita, de abate de animais eram organizadas em épocas específicas do ano. Antes da publicação dos almanaques na forma de impressos, eles apareciam na forma de pergaminho (elaborados pelos copistas) e iam colados aos livros de oração. A esta época, o tempo, a fertilidade da terra, a saúde e o capricho dos acontecimentos estavam submissos à vontade divina. Fizeram muito alarde as previsões de Nostradamus ao publicar sua centúrias em almanaques. O sucesso editorial dos almanaques motivou a publicação de livros para quem desejasse avançar em estudos de astrologia. Um dos primeiros manuais produzidos foi o do espanhol Jerônimo Chaves, em 1572, intitulado *Cronografía o reportório de los tiempos*. Este, segundo Costa (2004 apud MELO, 2011), irá exercer influência significativa na elaboração de almanaques em Portugal. Nesse mesmo período, porém, não faltaram críticas a essa busca exagerada em tentar prever o futuro. Rabelais, em seus *Prognósticos pantagruélicos para o ano de 1533* vai satirizar toda a cosmogonia divinatória.

Havia sempre nestes livros conselhos que relacionam à moral e à virtude, chegando a regular todos os aspectos da vida humana. Eram conselhos de modos de alimentação, do que comprar, como dormir, regras de conduta social. O almanaque vai se preocupando em como instruir a população, evitar doenças. O foco passa a não ser exclusivamente ligado ao caráter divinatório. O caráter pedagógico que vai ser perpetuando ao longo do tempo, atrelado a um modo de vida mais objetivo. Os almanaques vão incorporando os saberes da ciência e da história levando os leitores a uma reflexão da sua realidade, sem perder o lado da fabulação.

A mistura de contos, anedotas, fábulas e documentação traz certa objetividade, coerente com o conceito de observação da natureza (o natural observado, o astrológico). Embora não seja a objetividade dos livros, esta história é própria do universo do almanaque, não deixando de ser objetiva. (PARK, 1999, p. 62)

Segundo Bollème (1969 apud PARK, 1999), o almanaque na medida que toca, alcança todos os sujeitos, vai dessacralizar os gêneros, afastar todos os limites e colocar os seus leitores mais diretamente em relação com a vida, a atualidade, a informação, compondo autor do real no que ele se faz interessar. Divertir, provocando através dele a reflexão e a crítica. O almanaque está inscrito na tradição de um gênero com múltiplos propósitos. Segundo Chartier na introdução de Park (1999, p. 9-10), “o almanaque seria ao mesmo tempo literário e editorial, capaz de difundir textos de natureza extremamente diferentes, o que contribuiu para o seu sucesso como um livro, ao mesmo tempo, útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e ‘esclarecido’”. Para Park (1999), todos os tipos de almanaque apresentam uma forma única de organização sempre relacionada ao tempo, à lua e aos meses, podendo vincular-se aos horóscopos, signos ou calendários agrícolas, ou não. De fato, pela suas características de anuário, os almanaques sempre vão registrar datas importantes, cívicas ou religiosas, feriados, servindo desta forma como um livro de consulta também para o ano inteiro. Para o homem, sempre houve a necessidade marcar a passagem do tempo e este tipo de registro se configura como uma forma de preservar as tradições. A tradição cristã herdada de Portugal vê-se permeada nos almanaques, que sempre vêm lembrar as datas das festividades religiosas e dias dos santos católicos. O almanaque como conhecemos parece ter nascido como necessidade de ampliação de um calendário. A própria palavra “almanaque” tem várias origens, do árabe *al manach*, indica computar, contar. Segundo Park, em saxão, o termo almanaque aparece ligado à lua, caracteriza por antigos como o lado feminino e intuitivo. Bollème (1965) define almanaque como a junção etimológica de “al” do árabe, do grego “men”

(meses), menás (grego) igual a lua, e do antigo indiano “mas”, medir. Este pequeno livro aparecia como uma forma de mensurar o tempo, dividindo o ano em meses e dias, resguardando os descansos (festas religiosas), e que segundo Braida (1990, apud PARK, 1999), essa organização do tempo se deu graças à tipografia.

Nos séculos XVI e XVII, os almanaques circularam amplamente na Europa, tendo seu interior definido pelo calendário, pela astrologia, utilidades e entretenimento. Porém a partir do século XVIII, eles foram ganhando uma nova roupagem, diferente da anterior, cuja forma padrão era *in-quarto*, com oito páginas de um papel não muito bom e com gravuras grosseiras. A nova roupagem adquirida pelos almanaques os transformava em impressos mais elaborados, com mais páginas e novo conteúdo, além de passarem a serem de acordo com Dutra (2005), veículos de propaganda e instrução de um saber secular estimulando a curiosidade. Ao longo do tempo se processou uma incorporação de temáticas específicas ao almanaque, o que levou à especialização deste tipo de publicação. Surgiram almanaques dos tipos: de família, literários, históricos, enciclopédicos, de cidades, administrativos e muitos outros. O que se conservou, no entanto, como característica comum aos vários tipos foi a presença das cronologias, dos calendários e dos prognósticos ao lado de horóscopos. O almanaque nunca perdeu a sua forma de anuário. As seções acrescidas a este foram de: curiosidades, biografias, ciências, ditados, charadas, poemas, informações históricas, geográficas e de utilidade pública etc. Isto resultou num livro, que veremos como um “código narrativo”, segundo Goulemot (1996), correspondendo a um modelo que vai servir às expectativas de leitura de determinados grupos. Os consumidores desses almanaques vão em busca de informação, cultura geral, lazer, sempre movidos por uma curiosidade em desvendar o que as páginas dos almanaques o trazem.

Entre os séculos XVII e XIX, há uma difusão deste livro na América. O almanaque passa a ser um produto transnacional e transcultural como observa Lüssenbrik (2001 apud DUTRA, 2005). Os editores destas obras em além mar serão homens de letras, esclarecidos imbuídos em uma era de racionalização, e que via nos almanaques um projeto educativo e político das elites esclarecidas. Lüssenbrik (2001 apud DUTRA, 2005) ressalta que a partir do século XIX ocorre na Europa a emergência de outros meios midiáticos como os manuais escolares, jornais e enciclopédias que vão colaborar para o declínio dos almanaques com o projeto de alfabetização em massa. Entretanto, isto não coincide com o panorama brasileiro no século XIX, que pelo contrário, vai estar passando por um processo oposto como veremos a seguir.

## **2. Os Almanques no Brasil**

No Brasil, um pouco antes da chegada dessa forma de impresso, nosso país não tinha autonomia para imprimir. A vinda da Família Real para o Brasil obrigou a criação da imprensa régia funcionou mais como forma de divulgação de notícias favoráveis ao governo. Mesmo durante muito tempo, continuou a censurar a outros impressos e serviu antes de tudo para resolver a demanda de uma corte, publicando atos do governo e notícias da coroa. Com a proclamação da liberdade de imprensa em 28 de agosto de 1821, pelas Cortes Constitucionais de Lisboa, houve uma mudança neste quadro. Primeiro, com a publicação da chamada imprensa da independência e depois com uma gama variada de jornais e almanaques. Esses, ao longo do tempo, assumiram diversas tipologias. Uns eram de mera administrativos e continham diversas informações a respeito da vida administrativa da cidade, tabela de preços do comércio, horários de trens, tarifas de telégrafos e correio. Os almanaques das cidades eram utilizados por viajantes que ao chegarem ao Brasil buscavam informações de úteis sobre a cidade e mapas para localização. Essas publicações também eram úteis como guias

para os habitantes, tendo à disposição listas, em forma de guia de lojas, produtos etc. Esses almanaques eram presentes nas principais capitais brasileiras. Havia o *Almanach para a cidade da Bahia* (1812) e o *Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco para o anno de 1860*, por exemplo. Outra característica importante reside na constituição destes almanaques. As publicações, apesar de serem apenas anuais, produziam uma resposta dos leitores que atentamente acompanhavam todas as seções do livro. Assim, muitas cartas de leitores eram publicadas na edição do ano seguinte e o editor também apresentava erratas da edição anterior. Muitos leitores chegaram a se tornarem verdadeiros colaboradores, tornando o almanaque um livro com diversas co-autorias e uma vasta diversidade de temas.

### **2.1 O almanaque como forma de divulgação de jornais e revistas**

Segundo Sodré (1966), os almanaques foram objetos dos primeiros esforços editoriais com vistas ao aumento da produção de impressos no Brasil do século XIX. De acordo com Dutra (2005), havia uma escassez de leitores que livros e jornais no Rio de Janeiro e o que se via eram iniciativas editoriais na expectativa de “caçar” nos leitores. Nesse sentido, a produção de almanaques avançou consideravelmente ultrapassando os limites máximos e tiragens de livros. O gênero se popularizou no Brasil dos oitocentos e final das primeiras décadas do século XX. Havia publicações que eram conjuntas entre Brasil e Portugal. Alguns almanaques eram distribuídos como brindes entre comerciantes, farmacêuticos e nos jornais. Um dos almanaques de maior sucesso foi o editado pela livraria Garnier Frères, no Rio de Janeiro. *O Almanaque Brasileiro Garnier* foi um instrumento de divulgação de ideias políticas do início da República, organizado em torno de uma rede de intelectuais que faziam parte da Academia Brasileira de Letras. Muitos almanaques vinculavam-se a farmácias, livrarias, a empresas jornalísticas e tipografias. Tais empresas jornalísticas aplicavam várias técnicas para incentivar o aumento do número de assinantes. De acordo com Tizotti (2008), essas técnicas buscam assinantes que morassem em qualquer ponto do estado, e davam a estas pessoas brindes como livros, almanaques, cupons (que davam direito a concorrer a loterias ou sorteio de mercadorias), etc. Quem quisesse fazer parte do privilégio de ser assinante de determinado jornal, receberia em casa gratuitamente (pagando só a despesa do envio), o seu presente. Ainda segundo a autora, jornais e revistas de grande circulação como *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Revista de Commercio e Industria*, editaram seus almanaques. Essas publicações continham informações úteis sobre o estado de São Paulo, anúncios grandes e pequenos de produtos, textos sobre história do Brasil, aspectos geográficos e econômicos, temas antigos dos almanaques como calendário, dicas para o cotidiano etc. No Brasil, foram vários tipos de almanaques que encontraram bastante fôlego em nossas terras. Destacaremos apenas três tipos por terem representado sucesso editorial, como também, apresentarem um alto grau de envolvimento de seus leitores.

### **3. Os almanaques de cordel**

Um tipo particular de almanaque se destaca nos meios populares, notadamente no Nordeste. Este almanaque, conhecido na literatura como *almanaque de cordel ou de feira*, é uma publicação editada por pequenas tipografias e editores independentes, que se tornou muito conhecida entre a população de cidades do interior, ainda sendo a forma de distribuição com os folhetos de cordel. No lugar da poesia, temos a figura de um astrólogo ou profeta que faz previsões para o ano vindouro. Editados desde o final do século XIX, estes almanaques orientam o homem do campo como um oráculo agrícola, informando das melhores épocas para o plantio, alerta para períodos de estiagem e seca.

São passadas informações de medicina popular, como a indicação de chás, banhos, plantas medicinais e também se encontra a publicidade de produtos como garrafadas e fórmulas que curam doenças, fornecidos pelo próprio editor do almanaque. Como em todos os almanaques, há o calendário com as fases da lua, eclipses, horóscopo, muitas vezes com a divisão de previsões para os homens e para as mulheres. Adicionalmente encontram-se anedotas e orações. Segundo a pesquisa de MELO (2011), *O Vaticínio e prognóstico do ano*, de Honorato de Souza, é o primeiro almanaque de cordel a circular no Brasil, tendo circulação de 1920 a 1953. Atualmente, ainda encontramos em feiras o almanaque de Manoel Luiz dos Santos, intitulado *O Nordeste brasileiro*, e outros como o *Almanaque da Paraíba*.

Com mais de meio século de existência esses almanaques são revestidos de um caráter simbólico que nos remetem ao contexto dos primeiros almanaques surgidos no século XV. Parecem-nos semelhantes os contextos em que, tanto o sertanejo como o agricultor medieval, recorrerem a tentativas de prever as forças da natureza que vão interferir diretamente na sua subsistência. Na Idade Média, as epidemias e a preocupação também com as intempéries perturbavam o imaginário do homem medieval. Enquanto isso, no sertão do Brasil, o século XIX foi marcado por grandes secas e epidemias que afetaram as populações rurais, o que parece ser uma forte motivação para a emergência de uma tradição profética. Estes folhetos, ao circularem pelas casas das famílias do campo e da cidade, carregam, para muitos, um *status* de autoridade. O astrólogo faz profecias anunciando as tragédias que estão por vir e ainda satisfaz a curiosidade individual de cada um com a previsão do seu signo. A principal obra que os “astrólogos” editores destes almanaques tomam como referência é o *Lunário perpétuo*, o tratado de astrologia de origem européia mais conhecido no Brasil. De acordo com Ruth Almeida (apud MELO, 2011, p. 118), o *Lunário perpétuo* foi “esteio fundamental de todos aqueles que fazem almanaques populares”. Eram tão claras as referências a esta obra que muitos folhetos chegaram a reproduzir prognósticos que não condiziam com a região do Nordeste do Brasil.

Ao final de cada ano, há uma expectativa para a aquisição do almanaque com as previsões para o ano seguinte. As atenções se voltam para este pequeno folheto que irá trazer divertimento para toda a família. A simplicidade destes almanaques permite a leitura mesmo entre aqueles com pouca ou nenhuma escolaridade. Segundo Park (1999), em depoimento colhido de um leitor, no seu estudo sobre práticas de leitura de almanaques, o livrinho participa da vida do meio rural e promove um momento de encontro e convívio entre os leitores. “O almanaque. No sítio eles iam de mão em mão. Um emprestava pro outro. Quando chegamos lá, na roça, eles, que já moravam lá, davam comida pra gente.” (PARK, 1999, p. 182).

A leitura destes almanaques se dava de forma intensiva, como compreende Roger Chartier. Como muitos não sabem ler e chegava-se nas casas apenas um exemplar do almanaque, dava-se uma leitura do tipo intensiva, feita em voz alta, em que se liam várias vezes o mesmo texto. Para Darnton (1996), entre 1500 a 1750 na Europa ocidental a leitura era intensiva, lia poucas obras: a Bíblia, alguns livros de devoção, o almanaque, a Biblioteca Azul. À semelhança do contexto medieval, o almanaque de feira é um desses poucos livros de acesso pelas pessoas do campo. Segundo Park (1999), ele aparece como um objeto que representa o universo da escrita no meio rural.

#### **4. Os almanaques farmacêuticos**

Segundo Park (1999), no Brasil, o almanaque que serviu de modelo para os almanaques de farmácia foi o *Pharol da Medicina*, elaborado com o patrocínio da Drogaria Granado do Rio de Janeiro, circulando de 1887 até a década de 40 do século

XX. Além dos calendários com os nomes de santos, havia tabelas de conversão de moeda, cartas de leitores, charadas, informações sobre medicamentos, propagandas e relatos de médicos com a cura de pacientes com produtos do laboratório.

Quanto à extensão, esses almanaques tinham entre 50 e 100 páginas. No estudo de Park, notamos o quanto estes almanaques participaram da vida social brasileira. O público leitor interagiu constantemente por meio de cartas, tirando dúvidas a respeito da saúde. Havia concursos promovidos por almanaques como o Renascim Sadol com distribuição de prêmios aos leitores. A autora cita que os almanaques farmacêuticos de maior popularidade foram: Saúde da Mulher, Bromil, Capivarol e o Biotônico Fontoura. O almanaque do Biotônico foi elaborado e ilustrado por Monteiro Lobato em 1920. Ele nasceu do tônico criado pelo farmacêutico Cândido Fontoura, natural de Bragança Paulista, que em 1915 levou a forma do Biotônico para São Paulo e esse ganhou fama de ser um tônico capaz de mudar a vida, tornando-a mais cheia de energia, transformando apatia em desempenho. O discurso do Almanaque Biotônico era medicalizante com a preocupação na saúde pública brasileira. Com uma tiragem gratuita de exemplares que alcançava mais de 100 milhões, o Almanaque Biotônico Fontoura se popularizou no país juntamente com a figura do Jeca Tatu.

## 5. Almanagues literários

Os almanaques surgiram como também uma estratégia editorial em que buscava cativar um público leitor. À época faltavam leitores tanto para livros quanto para jornais e havia uma preocupação por parte do governo na formação de um público leitor, desde a década de 40 do século XIX, segundo estudiosos da história da leitura. Políticas em prol de uma escolarização, com abertura de bibliotecas, livrarias e tipografias se iniciaram no Rio de Janeiro. É nesse contexto que surge o Almanaque Garnier, que dentre os vários propósitos, buscava formação de uma comunidade especial nacional de leitores. Tratava-se de um projeto de um almanaque que fosse literário, geográfico, histórico e enciclopédico que contavam com a participação de notáveis das letras, com fins educativos e que se comprometia com os rumos políticos do país. No Brasil, outros almanaques regionais surgiram também com a estratégia de formação de um público leitor cada vez mais amplo. Foi o caso do *Almanach de Pernambuco*, dirigido por Julio Pires Ferreira, que teve sua primeira edição em 1899, dedicada ao Segundo Barão de Itamaracá, Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, médico, político e poeta. O *Almanach* teve sua circulação entre 1899 a 1931 e foi um dos mais conceituados almanaques regionais. Segundo Beltrão (2001), os fatores que contribuíram para a eliminação dos almanaques regionais foram: o surgimento dos grandes almanaques nacionais, os almanaques dos laboratórios farmacêuticos (Almanaque Sadol, Biotônico Fontoura); o *Almanaque do Pensamento* (de circulação nacional); o desenvolvimento da imprensa diária, após a década de 30, e o desenvolvimento da publicidade concentrada em agências e organização de redações dos grandes veículos de comunicação por intelectuais, pioneiros do jornalismo.

O *Almanach de Pernambuco* revelou-se como uma obra colaborativa, escrita por várias mãos, dentre leitores e colaboradores, que conta com poemas, charadas e biografias de personagens de destaque na política e nas letras de Pernambuco. Ao contrário do que se pode imaginar de almanaque como um pequeno livreto com prognósticos, calendários e outros divertimentos, o *Almanach de Pernambuco* é um denso livro com uma média de 350 páginas, em que se intercalam poemas, charadas, biografias, curiosidades, decifrações. Como partes fixas, possuía: calendário anual com as datas importantes de cada mês com feriados, festas e datas importantes católicas, aniversários e aparições de santos católicos, fases da lua; festas fixas e festas móveis,

instruções de jejum e abstinência, em obediência ao Decreto de 06 de julho de 1899 (Lei da Geral da Igreja); uma retrospectiva dos acontecimentos históricos que correspondem ao ano do almanaque; valores dos telegramas, estradas de ferro de Pernambuco; instruções dos correios com valores das postagens de cartas e encomendas. Havia também a parte intitulada *Chronica de Pernambuco*, em que eram destacados em forma de diário, os acontecimentos mais relevantes dos anos precedentes em campos como a política, eventos sociais e do comércio, comunicações oficiais e diversos assuntos para aquela data, naquele mês. Parece uma forma interessante de registro na história de diversos fatos, fixando o que de mais importante ocorreu em Pernambuco, em termos sócio-políticos, citando inclusive as fontes (jornais) que veicularam tais notícias, quando não, sendo apenas registros resultantes de anotações do próprio autor do almanaque daquilo de lhe parecia mais relevante para a sociedade. Outra característica marcante do *Almanach* era ao início de cada edição apresentar a biografia de alguma ilustre figura representante da sociedade pernambucana. A tônica era sempre de exaltação dos valores de caráter, bravura e de dedicação à pátria. Na primeira edição (1899), foi homenageado postumamente o poeta Maciel Monteiro por Joaquim Nabuco, trazendo à memória de nossa sociedade um notável, nas palavras do próprio Nabuco:

está cumprio o meu dever de pernambucano. Os críticos, ao menos, concordem que estas notas biographicas teem o mérito de tornar conhecido algumas poesias inéditas e de reviver a memória de um notável homem politico, de um distinctissimo poeta pernambucano. Recife, abril 1898 (FERREIRA, 1899, p. 20)

Levando em conta o caráter literário do almanaque, foram publicados ainda poemas de Maciel Monteiro (Gruta de Macau, Cintra e O Tempo e A Beleza). A importância de Maciel não se restringia a uma poesia, a sua imagem como homem político talvez justificasse a dedicatória do almanaque. O *Almanach de Pernambuco* durante toda sua trajetória funcionou como principal veículo para a difusão da produção de poetas integrantes da Academia Pernambucana de Letras (APL), sendo os seus membros fortemente engajados politicamente. Sonetos, histórias e poesia eram publicadas neste livro anual e em outros jornais da época, contribuindo para a divulgação de nomes como Carneiro Vilela, Carlos Porto Carreiro, Gervásio Fioravante. A preocupação do livro era de valorizar nomes da cena cultural pernambucana, ao passo que elevaria a cultura local como uma sociedade que buscava nas tradições européias o valor da literatura e seus cânones, bem como o gosto pelo charadismo, muito difundido em Portugal.

Por sua feição utilitarista, o almanaque se constituía como um livro de consulta para o ano inteiro, servindo de guia para aqueles que queriam viajar, sendo possível encontrar informações sobre as estradas ferro disponíveis. Informações como telegramas para diversos países, tabelas com valores, enfim, essa função social do almanaque o insere como instrumento a serviço do progresso, da ciência e de valores da modernidade, e que nas palavras de Chartier e Lüsebrinck (apud DUTRA, 2005, p. 18), os almanaques são “instrumentos de inculcação de condutas e de pensamentos novos”. Não podemos assim, ignorar a carga de valores sociais que estes livros trazem. A parte de calendários e festas presume um público leitor essencialmente católico que busca acompanhar os eventos e celebrações e respeitar as tradições da Igreja, inclusive os dias de jejum e abstinência, em tabela que o almanaque fornece, orientando os praticantes.

Após a extinção do *Almanach de Pernambuco*, só na década de 60, vai surgir o que parece ser a última resistência da cultura de almanaque neste formato. Trata-se do *Almanaque do Recife*, pertencente ao Grêmio Charadístico do Norte. Por ser uma publicação que não teve alardes propagandísticos e não ser organizado por militantes da

imprensa, os editores do almanaque consideravam exitoso o projeto do almanaque, que contava com biografias de pernambucanos ilustres, poesias, novelas, contos, humor, curiosidades, informações de utilidade pública e, é claro, muitas charadas e enigmas. As charadas e enigmas transformavam estes almanaques em atividade de lazer, ao tempo em que reuniam entusiastas da arte do charadismo. O grupo de charadistas entre elaboradores e decifradores utilizou o almanaque como veículo para a prática de decifrações denominados torneios. Embora tivessem de aguardar um ano, tempo de publicação da próxima edição, para obter as soluções dos enigmas, a atividade empolgava profissionais liberais, funcionários públicos, em geral o público médio citadino. Os almanaques utilizaram diversas estratégias para atrair um público leitor cada vez mais amplo, mesclando temas, combinando o erudito e o popular em única publicação.

## **6. O Almanaque do Recife Lítero-Charadístico**

No início da década de 50, ressurgiu no Recife uma publicação que veio tentar preencher a lacuna temporal deixada com o desaparecimento do *Almanaque de Pernambuco*, de Julio Pires Ferreira. A empreitada promovida pelo Grêmio Charadístico do Norte, dirigida por José Simplício de Lima Junior (vulgo Josim Amil), teve como resultado um Almanaque de cunho literário e charadístico em que muito se assemelhava ao Almanaque de Pernambuco tanto nos objetivos, quanto em sua formatação. Trata-se de um livro quase 400 páginas em que se difundia uma variedade de assuntos e gêneros textuais com o propósito de abranger os mais diversos públicos leitores. Nesta seção, detalharemos como se constituía este livro, dividido basicamente em duas partes: a literária e a charadística.

O Almanaque do Recife Lítero-Charadístico tinha sua sede localizada na Praça da República (região central de Recife), onde trabalhava como redator-chefe Fernando Burlamaqui e os colaboradores Henrique do Passo e França de Vasconcelos. Anualmente, a redação recebia a colaboração de leitores, diversos literatos e charadistas que enviavam seus artigos, poemas, crônicas, charadas e piadas. A obra conseguia reunir muitos participantes que tinha no almanaque uma forma de divulgação de seu trabalho, ao mesmo tempo, dava-se um compartilhamento de conhecimentos vários. O Almanaque também promovia concursos de contos e poesias e de decifração de charadas com fins de estimular o leitor a participar da obra. Toda essa produção tinha como objetivo também a divulgação do estado de Pernambuco perante a nação brasileira e também em terras portuguesas e na Ilha da Madeira. O alcance da publicação extrapolou os limites do Brasil e chegou até Portugal, onde se tinha uma forte tradição a prática do charadismo. Nas palavras do próprio editor, na abertura do primeiro ano do Almanaque, fala-se em levar o nome do Estado e “um pedaço da lama pernambuca, numa mensagem altamente afetiva da fraternidade brasileira” para o Brasil e para Portugal. No trecho abaixo, retirado também da primeira edição de 1962, revelam os propósitos do Almanaque do Recife:

Queremos, desta forma, suprimindo essa deficiência [a lacuna deixada pelo *Almanach de Pernambuco*], contribuir de maneira eficaz para que o nosso querido Pernambuco se faça ainda mais conhecido de todos os nossos brasileiros, já que a nossa enorme extensão geográfica não nos permite conhecer, com maiores minúcias, pelo menos certas particularidades inerentes a cada unidade da nossa Federação, no que tange aos aspectos físicos, à sua história, ao seu poder econômico, ao seu comércio à sua produção agrícola-industrial etc etc, bem como à expressão cultural do seu povo nas letras, nas ciências e nas artes (JUNIOR, 1962, p. 2)



A obra, apesar de ter a denominação de lítero-charadística, é permeada por uma série de assuntos relacionais com a geografia, a história de Recife e de Pernambuco. O almanaque, para além de se tratar da divulgação do Estado perante a nação, possui outros objetivos que serão tratados ao longo de nossa exposição. Analisaremos a primeira edição de 1962, trazendo algumas considerações da edição seguinte.

### **6.1 O caráter religioso**

Logo ao fim da apresentação de abertura do almanaque temos a frase “Que a tanto Deus nos ajude”. É recorrente nos almanaques brasileiros ao decorrer do século XX sempre fazer referência à religião católica. Apesar de o Brasil ser reconhecido como estado laico desde a proclamação da República, no governo Vargas a Igreja conseguiu privilégios como aulas de religião em escolas públicas e a presença do nome de Deus na Constituição de 1934. Essa forte tradição católica, herdada de Portugal, aparece nos calendários dos almanaques. No Almanaque do Recife, o calendário anual apresenta dividido mês a mês, constando as datas de cada santo católico, fases da lua e datas das festas religiosas católicas. Estas festas são divididas em duas seções: festas religiosas fixas e festas religiosas móveis. Interessante que, ao lado dessa tradição católica, convivem os horóscopos. Como já vimos, essa é uma das partes fixas presentes em almanaques de diversos tipos e desperta a curiosidade do homem urbano ou do campo em saber os prognósticos para o ano que se inicia. A edição do Almanaque do Recife traz o prognóstico para o ano de 1962, dizendo se tratar de presságios gerais para todos os 12 tipos humanos (12 signos do zodíaco) e que o ano era regido por Marte, chamado pelos astrólogos de “o pequeno maléfico”.

### **6.2 O caráter educativo**

Imbuído de um caráter pedagógico, encontraremos seções que são apresentadas informações geográficas e históricas em forma de curiosidade para o leitor, o que se diz ser “cultura de almanaque”. Observamos curiosidades dos tipos: quais os maiores rios do mundo, os nomes geográficos antigos e atuais, quantidade de aparelhos telefônicos nos países, dimensões dos astros, a origem dos mapas, quantitativo populacional dos estados e capitais brasileiras, distância entre os municípios. Ao lado disso, o almanaque revela um tom patriótico ao exaltar a nação: história da bandeira, festas nacionais, presidentes do Brasil. É passado ao leitor um breve conhecimento sobre as leis no Brasil e sua classificação, uma preocupação que se tem com a cidadania. E é claro, com o objetivo de transmitir um conhecimento sobre o Estado de Pernambuco, levando-o ao Brasil e até a outras nações, a cada edição traz-se uma pequena síntese histórico-geográfica de alguns municípios do Estado. Herdou-se do *Almanach de Pernambuco* a tradição de homenagens a figuras importantes da sociedade pernambucana que tiveram contribuição para a nossa cultura. Na primeira edição o Almanaque do Recife homenageou postumamente o historiador Mário Melo, destacando a importância da sua trajetória política e amor à pátria. No almanaque, são destacadas algumas figuras do cenário político local, sempre em tom amistoso e de exaltação, em forma de pequenas biografias. Na primeira edição, são apresentadas as biografias do governador Cid Sampaio e do prefeito Dr. Miguel Arraes de Alencar. Há no almanaque também uma preocupação rememorar o leitor dos fatos importantes para a política, cotidiano e história de Pernambuco. Na seção *Diário do Passado*, é feita uma retrospectiva dos fatos mais relevantes de cada dia do ano anterior, evidenciando a preocupação com o registro de fatos veiculados nos jornais da época relativos à política,

economia, cotidiano e eventos importantes. O Almanaque do Recife teve uma boa aceitação nos meios jornalísticos. A sua segunda edição faz registro de uma matéria do *Diário de Pernambuco* e outra do *Jornal do Commercio* que bem recebem o Almanaque.

### **6.3 O caráter de utilidade pública**

Uma das finalidades dos almanaques é funcionar como livro de consulta, em que se pode obter informações úteis ao dia a dia. De acordo com Chartier (1996), o Almanaque pela sua organização em torno de temas variados traz um modelo de leitura do tipo intensiva, com consultas e manipulações frequentes pelos leitores. Nos almanaques de cordel, o homem do campo recebe os prognósticos com os períodos mais adequados para o plantio e colheita de lavouras. Curiosamente, neste almanaque, que tem um caráter urbano, encontramos esse tipo orientação. Uma orientação geral para agricultores de todo o país que pode servir como curiosidade para o leitor urbano ou de fonte de informação para os “astrólogos” que elaboram os almanaques de cordel, comercializados nas feiras do interior do Estado. Para o homem urbano há informações úteis sobre horário de funcionamento de órgãos públicos como o Tribunal Regional do Trabalho, calendário de datas importantes para pagamento de tributos aos governos federal, estadual e municipal, registro de patentes, prazos diversos para vendas e consignações no comércio, imposto sindical, declaração de menores, etc. É apresentada também tabela com valores postais para envio de correspondência e encomendas.

### **6.4 O caráter recreativo**

Em meios aos diversos anúncios publicitários e entre as seções já mencionadas, estão presentes várias colaborações de leitores com o tom de divertir e atrair o público leitor com atividades de lazer. Com o propósito de agradar públicos distintos, tanto aqueles mais inclinados para a arte dos versos e das letras, quanto os que buscam adquirir o livro para se divertir com charadas e cruzadismos, o almanaque vai distribuindo os temas de forma aleatória. A única divisão que o livro estabelece é da parte literária com a charadística. Em verdade, há só uma separação das charadas, enigmas e palavras cruzadas na parte final do almanaque. A parte “literária” é composta entremeadada de anúncios publicitários, informações úteis, calendários e todas outras seções, artigos etc. O leitor ao folhear estas páginas estará desvendando uma caça furtiva em que se efetuará descobertas ativadas pela curiosidade em busca de cultura geral, literatura e também de recreação. A parte charadística tem forte peso no almanaque.

### **6.5 O charadismo**

Uma estratégia que João Ribeiro utilizou, quando do comando do Almanaque Garnier, para aumentar o ciclo de leitores, foi dar um caráter mais enciclopédico e geral ao seu almanaque. Efetuou-se uma reforma na organização, incluiu novas rubricas e trouxe a parte de recreação para o almanaque. Eram charadas, adivinhações, jogos e problemas matemáticos. Esse tipo de atividade no almanaque exige do leitor o mínimo de escolaridade para a resolução dos problemas e enigmas. Dentre as várias atividades recreativas, o charadismo e o cruzadismo aparecem como atividades que desenvolvem o conhecimento da língua enriquecendo o vocabulário. Segundo o Dr. Gustavo Barroso, em artigo no Almanaque do Recife, declarou que o charadismo fez grandes escritores, a exemplo de José de Alencar, que, segundo o autor, afirmou ser a sua obra devedora do charadismo, que desenvolvera muito sua imaginação. O charadismo promove agilidade ao pensamento ao forçar à indução, à dedução e ao discernimento. Por ser uma atividade

que envolve a elaboração e decifração de enigmas, recorre-se muito a dicionários e outros conhecimentos enciclopédicos. Nas palavras de Antenor Nascente: “não fugirá ao dever o professor que despertar o gosto de seus alunos para a charada; proporcionar-lhes-á ótimo instrumento de aquisição e cultura”. A prática do charadismo tem suas raízes em Portugal. A mais antiga revista da especialidade foi a intitulada “O Charadista”, de 1922, pertencente à Tertúlia Edípica de Lisboa. Porém, em jornais e revistas havia seções dedicadas ao charadismo. O jornal “O Charada”, especialista na área, estreitou relações entre Brasil e Portugal, reunindo várias produções de ambos países. No Brasil, a difusão desses enigmas se deu também em algumas seções de revistas e jornais, mas recebeu uma especial acolhida nos almanaques.

Para uma iniciação na arte dos enigmas, há duas obras consideradas as mais importantes: *Vade-Mecum do Enigmista*, do General Leandro José da Costa Junior e *Enigmística*, de Irineu Vilas Boas Esteves. Nelas é possível encontrar definições dos tipos de charadas e como elaborar enigmas. Os charadistas se organizam em torno de grupos, os quais organizam torneios, festas e publicações sobre a temática. A Tertúlia Edípica é a mais antiga dessas associações, em Portugal. No Brasil, houve diversas associações como o Círculo Enigmático de Santos, e jornais como o *Jacaré do Enigmismo* (1956). No Nordeste, em estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia e Paraíba, havia alguns grêmios charadísticos e jornais e revistas especializados. A publicação do Almanaque do Recife pertencia ao Grêmio Charadístico do Norte, fundado em 1947. Muitos dos membros dos grupos se tratavam através de pseudônimos que era formas em anagrama de seus nomes. Eram famosos os decifradores conhecidos por ORDISI (o Capitão Isidro Gayo), Jom Leosi (José Maria Leopoldo e Silva), inclusive o próprio diretor do Almanaque do Recife, José Simplício Júnior, conhecido como Josim Amil.

## **Conclusão**

O almanaque, dentre os primeiros impressos surgidos no Brasil, mostra-se como um dos mais importantes objetos que contribuiu para o projeto de construção de uma nacionalidade. Ao aparecer no contexto de final do século do XIX, este livro representou o principal canal de acesso à leitura, usado também como forma de atrair leitores para outros gêneros como os jornais, as revistas e os livros. As tiragens recordes de almanaques, com destaque para os farmacêuticos, mostram o seu sucesso editorial no meio citadino. Além de ser um gênero que proporcionava uma leitura leve, de fruição, com diversas seções de caráter recreativo como as anedotas, charadas e curiosidades, os almanaques desenvolveram uma relação de proximidade e interação com seus leitores, tornando-se uma obra com a vastidão de assuntos, feita por inúmeros colaboradores. Em nossa pesquisa com os almanaques regionais lítero-charadísticos, notadamente o Almanaque do Recife, constatamos que estes, à semelhança de outros almanaques como o *Garnier*, tiveram um tom patriótico e se inseriram no projeto construção de uma identidade nacional. O Almanaque do Recife prestou reconhecimento às principais figuras da sociedade pernambucana, buscando uma divulgação dos valores literários e artísticos regionais. De circulação nacional e também chegando a países da América Latina e Portugal, o Almanaque, com isso, investiu na missão de mostrar os valores de Pernambuco para o mundo. Pela vastidão de temas, o público leitor destas obras era composto de homens e mulheres de várias classes sociais. Mesmo para os que tinham pouca escolaridade, os almanaques possibilitavam uma leitura de “caça furtiva”, nas palavras de Certeau (1994), recorrendo a imagens e gêneros dentro do almanaque como horóscopos, calendários, anedotas, que apresentavam poucas linhas e proporcionavam uma pequena leitura, às vezes fragmentada, mas que despertava a curiosidade do leitor.

Vale destacar, dentre os vários almanaques, a importância dos almanaques de cordel para a população das zonas rurais. Este tipo vai se diferenciar em relação aos outros almanaques do por apresentar uma formatação diferente, menor, que representou em muitos casos a única forma de acesso à leitura pelo homem do campo. A importância social deste gênero merece mais estudos, tendo em vista a importância que teve e ainda exerce na história dos impressos e da leitura no Brasil.

### Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 183.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In:\_\_\_\_\_. (Org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 4. ed. Tradução Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DARNTON. Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BOLLÈME, G. *La littérature populaire et de colportage, dans livre ET société dans la France du XVIII siècle*. Paris, La Haye Mouton, 1965.

FERREIRA, Julio Pires. *Almanach de Pernambuco para o ano de 1899*. Recife: Ed. Imprensa Industrial, 1899. Arquivo CEHIBRA - Fundaj (Coleção de Periódicos Biblioteca Central Blanche Knopf)

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

JUNIOR, José Simplício de Lima. *Almanaque do Recife Lítero-Charadístico*. Recife: Mousinho Artefatos, 1962. Arquivo CEHIBRA - Fundaj (Coleção de Periódicos Biblioteca Central Blanche Knopf)

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Unicamp, 1992.

MELO, Rosilene Alves de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n, 52, p. 107-122, set./mar. 2011.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

SODRÉ, Néelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanques: história, contribuições e esquecimento. *DIALOGUS*, Ribeirão Preto, vol.4, n.1, 2008, p. 307.